

Sarney: futuro é que importa

Da sucursal de
BRASÍLIA

"Acho que nossos olhos devem se fixar muito mais sobre o futuro, e que os nossos pensamentos devem esquecer o passado", afirmou ontem o senador José Sarney, considerado o futuro presidente da Arena, ao defender a tese da conciliação nacional, no que foi apoiado, também, pelo senador Henrique La Rocque (Arena-MA).

Sarney não quis abordar diretamente a proposta de uma coalizão partidária no Congresso para a sustentação da abertura política no governo do general João Baptista Figueiredo, preferindo, como outros arenistas, expor sua visão da conciliação nacional:

"A tarefa mais importante da classe política, hoje colocada no Congresso Nacional, consiste em consolidar o processo de abertura para que se possa, realmente, chegar ao desejado aprimoramento democrático. Acredito que essa tarefa, que é difícil, tornar-se-á quase impossível a curto prazo, se não tivermos o consenso do poder político, por meio dos dois partidos em torno de alguns pontos básicos."

O senador maranhense advertiu, porém que "não significa esse entendimento nenhuma forma subalterna de colaboração em termos de governo, mas uma tomada de posição com

visão de grandeza, buscando identificar quais os pontos que, no passado, foram responsáveis pela fragilidade de nossas instituições democráticas e o que podemos fazer para evitar que esses erros e essas fraquezas sejam repetidas. Assim, a conciliação é o tema mais importante a desafiar as nossas lideranças. Devemos, assim, eliminar os pontos de atrito, as posições sectárias, e marchar para um temário aberto no qual seja possível encontrar um terreno comum".

9 JAN 1979
LA ROCQUE

Obedecendo à mesma linha de pensamento de Sarney e de outros arenistas, o senador Henrique La Rocque afirmou que durante o recesso tem notado o clima favorável ao "atendimento do apelo do presidente Figueiredo à conciliação nacional e isto, pelo meu temperamento e minhas convicções, muito me satisfaz. O futuro chefe do governo tem-se mostrado totalmente aberto ao diálogo com as forças da oposição. Resta agora, ao MDB, não se negar ao que todos os brasileiros desejam, a pacificação nacional, que se efetivará sem que qualquer das partes perca sua configuração ideológica. Ela se justifica porque o País atravessa um período difícil no tocante à inflação, que acarreta consequências imprevisíveis no quadro econômico-financeiro e social e, que não suportaria, assim, a

ação daqueles que, por oposição ao governo, desejam agitação, explorando situações inevitáveis que merecem de todos compreensão lógica e inegável".

La Rocque não sabe se o MDB participará do próximo Ministério, "pois não tenho elementos para saber se o presidente eleito chegará a tanto. Mas o partido da oposição deve ouvir sua convocação, imposta pelos interesses maiores do País".

Sarney opina que, a curto prazo, não há condições da presença do MDB no Ministério de Figueiredo: "O tema coalizão nacional não tem preferência sobre a conciliação dos objetivos que nos levarão à democracia. Alcançados estes, nada impede, se for do interesse da Nação, que essa colaboração se estenda de forma mais ampla".

Sobre a possibilidade da Arena vir a absorver alguns casados, José Sarney afirmou que "nada impede que se possa desfazer as separações nessa nova etapa histórica do País, e que os brasileiros possam se unir em torno de idéias atuais sem o estigma das antigas marcas partidárias. Quando a Revolução foi deflagrada, existiam outras siglas, outras posições. Hoje o quadro é outro, as pessoas envolvidas no processo e as situações não são as mesmas. Não podemos ficar parados no tempo em torno de divisões inegáveis".